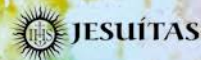


# Cadernos Teologia Pública



A CONVERSÃO DE AGOSTINHO DE HIPONA, INTERPRETADA  
EM REFLEXÕES SOBRE A EXPRESSÃO *INTELLIGE UT CREDAS*

Orlando Polidoro Junior

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)  
ano XVII • número 143 • volume 17 • 2020



# **A CONVERSÃO DE AGOSTINHO DE HIPONA, INTERPRETADA EM REFLEXÕES SOBRE A EXPRESSÃO *INTELLIGE UT CREDAS***

## **Resumo**

Este trabalho busca identificar a relação entre fé e razão no pensamento de Agostinho de Hipona, considerando a associação positiva entre o compreender para crer como fundamental em sua história. Acerca de suas confissões, nossa pesquisa traz reflexões sobre o processo de conversão construído durante toda sua vida, mas ressalta modelos diferentes de entendimentos. Contudo, contempla sua conversão interior, e exalta a superabundante presença de Deus como resultado final, porém, somente após receber a Graça é que ele consegue viver intensamente todo o esplendor do Amor Trinitário, fonte geradora e determinante para o discernimento de sua fé. Sua conversão justifica um novo homem, com uma virtuosa alma missionária – um verdadeiro construtor do Reino de Deus.

**Palavras-Chave:** Inquietude; Interioridade; Graça; Compreensão; Conversão.

# **A CONVERSÃO DE AGOSTINHO DE HIPONA, INTERPRETADA EM REFLEXÕES SOBRE A EXPRESSÃO *INTELLIGE UT CREDAS***

Orlando Polidoro Junior  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**

**Reitor:** *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

**Vice-reitor:** *Pedro Gilberto Gomes, SJ*

**Instituto Humanitas Unisinos**

**Diretor:** *Inácio Neutzling, SJ*

**Diretor Adjunto:** *Lucas Henrique da Luz*

**Gerente administrativo:** *Nestor Pilz*

**www.ihu.unisinos.br**

**Cadernos Teologia Pública**

Ano XVII – Vol. 17 – Nº 143 – 2020

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling

**Conselho editorial:** MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PU-CRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

**Responsáveis técnicos:** Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues.

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Imagem da capa:** Patrícia Kunrath Silva

**Editoração:** Gustavo Guedes Weber

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v. Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014. Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>. Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467 Email: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

# A CONVERSÃO DE AGOSTINHO DE HIPONA, INTERPRETADA EM REFLEXÕES SOBRE A EXPRESSÃO *INTELLIGE UT CREDAS*

Orlando Polidoro Junior

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

## INTRODUÇÃO

Este artigo segue como fonte principal de pesquisa o Livro *Confissões*, visto e interpretado quase como um *curriculum vitae*, fonte primordial de conhecimento e entendimento sobre as principais fases da vida de Agostinho de Hipona. Suas confissões contêm testemunhos próprios – expressam e registram alguns momentos mais significativos e estratégicos que construíram sua história, explicitamente marcada por etapas: uma de conflitantes tribulações diante de sua inquietude em busca da verda-

de, e outra por superabundantes graças; virtudes, carismas e dons alcançados após sua conversão.

Como suas confissões foram abertas a todos, se buscarmos um significado semelhante dentro do mundo católico, é plausível interpretá-las pelo conceito da penitência pública na igreja antiga. Não que o fiel se confessasse em público, mas o “pagamento” acabava por se tornar público; com isso, o povo já tinha uma noção dos erros cometidos. Mesmo considerando que o Livro descreva seus momentos gloriosos, também descreve tem-

pos difíceis: erros, fraquezas e misérias diante do Deus que tanto o incomodava/incitava.

É inegável o poder de convencimento de Agostinho adquirido através dos estudos de retórica. Isso possibilita que seus leitores façam interpretações mais claras de seus escritos, mesmo apresentando declarações louváveis, como também algumas discriminatórias aos olhos da igreja, principalmente naquele tempo. Mas é ponderoso perceber que Agostinho *compreendeu e acreditou* fervorosamente, e assim, pela via da Graça, fica evidente que ele reconhece seus pecados/erros e isso faz com que mude seus comportamentos, tornando-se um homem humilde, sincero e com o coração contrito, tanto diante de Deus, como diante dos homens [Metanoia].

Para discernir sobre o incremento, a maturidade e a proficuidade do pensamento de Agostinho de Hipona anterior a sua conversão, período mensurado como o de preparação à ação da Graça, ou seja: *compreensão suficiente para crer com razão, faz-se necessário* conhecer e interpretar pelo menos alguns momentos da sua história, em grande parte bastante marcada entre a ideia e a consciência do bem e a prática um pouco indiscriminada do mal. Não na concepção de sujeito maldoso, com intenções constantes de prejudicar ao próximo, mas, sim,

por atitudes de vida com instintos considerados danosos para uma criatura que busca viver e desfrutar de todas as bênçãos e graças recebidas incondicionalmente do Deus do Amor (cf. Jo 3,16).

Desde muito cedo Agostinho reconhece em seu interior um sentimento constante de inquietude pela busca da Verdade Divina. Todavia, seu comportamento é construído através do modo de viver e de aproveitar a existência terrena, a qual ele considera plena e cheia de satisfações, pois é estimulada e desfrutada através de práticas constantes de intensos prazeres exteriores – hedonistas. Mesmo “mundanos”, isto muito o alegra e lhe dá respostas de paz e felicidade, pois é o padrão que o estimula naquele momento de sua existência como um homem do mundo carnal. Este modelo de vida por ele adotado o afasta da dádiva e cria uma barreira que limita sua percepção e sua aproximação ao conhecimento de Deus. “Estavas comigo, mas eu não estava contigo” (AGOSTINHO, 1984, p. 295).

Mesmo sentindo-se pleno como um homem do mundo carnal, percebe dentro de si, sem ter respostas condizentes para tal, “Que exulte e prefira encontrar-te, não te compreendo, a não te encontrar, compreendendo” (AGOSTINHO, 1984, p. 23), um inefável, forte e in-

tenso entusiasmo, só revelado e enaltecido quando, em seu momento [*Kairós*], a manifestação divina resplandece sobre a sua vida.

A conversão de Agostinho nos revela que o mistério de Deus transcende nossa lídima capacidade de compreensão. Por conseguinte, suas benevolentes manifestações pela via da Graça no chão da vida [imanência] nos mostram com intensa clareza, não só na vida de Agostinho, como em tantas outras, que nós católicos reconhecemos profusos testemunhos como verdadeiras respostas de Seu Amor incondicional, explícito em exuberantes conversões, dignas perante a proposta do Seu Reino terreno, contemplado na essência de Jesus, O Cristo (cf. Lc 17,20-21).

Ainda sem reconhecer a Verdade para poder enaltecê-la, a Trindade sempre esteve presente em seu interior – incorporada no íntimo de seu coração, de sua alma espiritual. Mas Agostinho só consegue compreender e suscitar essa presença a partir da Graça – traduzida numa compreensão bíblico-teológica como a de sermos predestinados ao Senhor, ou seja: somos criados para compartilhar sua belíssima e perfeita criação exterior [vida terrena], para depois voltarmos eternamente para sua perene e grandiosa plenitude interior – transfigura-

dos na Graça da Sua presença (cf. Rm 8,28-30). Mas um coração distante e principalmente inquieto só descansa quando está extasiado pelo Amor de Deus.

Em nossas reflexões vamos nos atentar que, diante do mistério, mesmo impotente à frente da possibilidade de viver integrado ao bem superior, a conversão ocorre em momentos que o ser humano sente que perdeu toda a capacidade e autossuficiência. O agir divino pela via da Graça pressupõe a natureza (cf. Jo 1,16).

Só é possível entendermos Agostinho de Hipona, seus desejos e sua inquietação que o devorou pertinentemente, se conhecermos seu modo de vida. Modelo construído sobre sólidas e divergentes influências, começando pelas do berço familiar um pouco controversas entre a fé fervorosa de sua mãe, Mônica, e o paganismo de seu pai, Patrício. Mesmo diante de sua aptidão para a filosofia, da mãe herdou a ternura e a tendência para a contemplação mística, e do pai um temperamento sensual e impetuoso (cf. AGOSTINHO, 1984, p. 5).

Existe um modelo de compreensão anterior e um modelo de compreensão posterior à conversão de Agostinho? Com base nesse questionamento, nosso trabalho se desenvolve com reflexões sobre a expressão *Intellige ut credas*, identificando a evolução de seu pensamento

anterior à conversão, porém, como forma de preparação à ação da Graça. Mas em que medida a Teologia da Graça está presente?

*Tarde Te Amei.* Convertido pela Graça gratuita do Amor Trinitário, Agostinho nos mostra o quanto seu pensamento é relevante para a Teologia atual, com a necessidade de harmonizá-lo em relação à aceitação do protagonismo divino no processo de evangelização, numa consonância entre o esforço e o empenho humano, em colaboração e comprometimento com a Graça. É o homem em busca de Deus [...] “Ao invocá-lo, eu o chamarei para dentro de mim” (AGOSTINHO, 1984, p. 16).

## BERÇO FAMILIAR

Agostinho de Hipona cresceu e viveu um longo período de sua vida sobre as influências que herdou no seio da família. Do pai pagão com poucas contribuições de fé e ainda o temperamento sensual e impetuoso. Porém, se considerarmos os incentivos dados pelo pai em relação aos estudos, é viável interpretar esta herança como a do incremento no sentido de *compreender*

*para crer*; e a herança da identidade cristã adquirida de sua mãe, Mônica, traduzida em *crer para compreender* a plenitude divina revelada em seu ser interior. “Devo aos méritos de minha mãe tudo o que sou e tudo o que vivo” (AGOSTINHO, 1963, 1.6.).

Em diversas confissões, Agostinho considera sua mãe Mônica um instrumento divino para sua conversão, tanto que reconhece: “Mas no coração de minha mãe já havias começado a edificar o teu templo, a lançar os fundamentos de tua santa habitação” (AGOSTINHO, 1984, p. 46). Vê em sua mãe uma mulher de Deus:

Minha mãe era a serva de todos os teus servos. Todos os que a conheciam louvavam, honravam e amavam profundamente a ti, por nela sentirem a tua presença, comprovada pelos frutos de uma vida santa. Tinha sido esposa de um só marido, tinha cumprido seu dever para com os pais, tinha governado a casa com dedicação e dado o testemunho de boas obras [...] ela cuidou de todos, como se tivesse gerado a todos, servindo a todos nós, como se fosse filha de cada um (AGOSTINHO, 1984, p. 250).

Entretanto, com o avanço da idade, o relacionamento familiar foi se rompendo, o mundo foi se apresentando, colocando à sua disposição várias tentações contempladas e desfrutadas em seu tempo.



Pela vontade do pai em fazer do filho um retórico, ele vai para a cidade vizinha de Madaura e dedica-se com afinco ao estudo dos clássicos latinos. Porém, no ano de 369, devido às necessidades domésticas, o jovem Agostinho (15 anos) volta para sua cidade natal e se entrega aos prazeres vulgares, e, como cita em *Confissões*, p. 49, ignorava a Deus e caminhava para a perdição com cegueira tal, a ponto de se sentir envergonhado por ser menos depravado que seus companheiros.

Conforme Agostinho (1984, p. 6), diante dessas condições sua mãe Mônica chega a expulsá-lo de casa, mas graças à ajuda do rico concidadão Romaniano, vai para Cartago e retoma seus estudos nas academias, dedicando-se à retórica, dialética, geometria, música, matemática.

No princípio de sua vida como estudante, Agostinho não sentia prazer nos estudos, mas no decorrer do tempo conseguiu superar esta dificuldade e com um pouco de dedicação, dons pessoais e algumas afinidades, avançou com sabedoria. É possível vislumbrarmos, a partir desta superação, uma acentuada ascensão na edificação de suas competências em níveis culturais, enaltecidas em forma de compreensão e discernimento,

que futuramente será um dos grandes alicerces para a eclosão e o crescimento de sua conversão.

Todavia, é necessário reconhecer que Deus não exige nenhum tipo de conhecimento superespecial para derramar suas graças. Mas especificamente em Agostinho de Hipona é fundamental considerar este quesito como egrégio na reflexão do nosso artigo acerca da expressão *Intellige ut credas, crede ut Intelligas*. Termo que se torna um elemento essencial para a figura do Doutor da Igreja Santo Agostinho, diante de suas obras literário-evangelizadoras, em razão de que sempre exerce com influência em toda cultura ocidental, ademais, no gigantesco e valoroso patrimônio deixado para nossa Igreja Católica Romana.

Podemos considerar sua capacidade intelectual de compreender, como fundamental preparação à ação da Graça, já que é tão reconhecida e exaltada em seus escritos teológicos pós-conversão. Sua inquietude é a nascente de sua crença – e sua compreensão se torna a mais enaltecida fonte de sua conversão, pois edificou sua fé através do uso pleno da razão.

## ENTRE O MAL E O BEM

Em Cartago, mesmo sem ter recebido a Graça, Agostinho professa, “ainda não amava, e já gostava de ser amado”. Mas a que amor ele se refere, pois gozava profusamente alguns prazeres do mundo exterior. Agostinho também relata: “Tinha dentro de mim uma fome de alimento interior – fome de ti, ó meu Deus”. Seguindo seu pensamento [...] “Mas, não sentia essa fome, porque não me apeteçiam os alimentos incorruptíveis, não por estar saciado, mas porque, quanto mais vazio, mais enfastiado eu me sentia” (AGOSTINHO, 1984, p. 61).

Numa dimensão místico-religiosa, a reflexão de Azpitarte é uma versão sublime, que se molda perfeitamente em relação à constante inquietude interior de Agostinho de Hipona:

O ser humano busca a Deus, porque ainda não pôde conhecê-lo e sente por dentro a nostalgia de um encontro, ou porque, embora já o tenha conhecido, não se encontra à vontade em suas relações com ele. É uma insatisfação que nasce, quando se conscientiza de que sua amizade com Deus não é tão profunda e autêntica como se merece. Gostaria também de sair dessa situação para estreitar seus vínculos de amizade e experimentar

com mais força sua proximidade (FERGUSON, 2009, p. 98).

De acordo com suas *Confissões*, p. 85, dos dezoito aos vinte e oito anos de idade, muitas vezes Agostinho se percebe seduzido, *buscava compreender para crer*, e sedutor, interior inquieto para buscar compreender, mas sem encontrar respostas mensuráveis sobre a expressão divina no interior de seu ser.

Em contrapartida, Agostinho sentia seu exterior turbulento, contudo, satisfeito frente ao seu modo de viver os prazeres da vida. Mas como ele mesmo afirma, enganado e enganador, atributos bem representados no período anterior a sua conversão. Conversão que em nossa pesquisa se denota como revelação divina, em razão da Graça, visto que está acima – e supera qualquer outra forma de manifestação, de atitude e de pensamento humano, pois transcende nossa genuína capacidade de discernimento.

Com a declaração “Tu estavas mais dentro de mim do que minha parte mais íntima” (AGOSTINHO, 1984, p. 71), identificamos o desenvolvimento do pensamento de Agostinho de Hipona anterior a sua con-

versão, dando sentido e significado como preparação à ação da Graça.

Porém, um jovem estudante de retórica, ainda apaixonado pelas coisas prazerosas do mundo exterior, se depara com o livro *Hortêncio*, de um tal Cícero, que, mesmo sem a presença de Cristo nos escritos, o fez mudar seus sentimentos e seu modo de se dirigir a Deus. O livro transformou suas aspirações e desejos, fazendo Agostinho suscitar no Senhor, ao ponto de desejar se sentir livre das coisas terrenas, entretanto, ainda não estava convicto do que Deus realmente pretendia fazer dele (cf. AGOSTINHO, 1984, p. 66-67).

Ainda um tanto incrédulo, mas impulsionado pelas reflexões compreendidas em *Hortêncio*, dedicou-se aos estudos das Sagradas Escrituras, contudo, mesmo assim foi atraído ao maniqueísmo<sup>1</sup>, caindo nas mãos de

1 Agostinho começa a falar de sua temporária adesão ao maniqueísmo, seita gnóstico-cristã que ensinava a existência de dois princípios eternos: o Bem e o Mal, isto é, Deus e a matéria em luta perene entre si. Complicada e fantasiosa é a cosmologia maniqueísta, da qual resulta a completa deformação do dogma cristão da Trindade: o Pai é Deus, mas o filho e o Espírito são criaturas enviadas por ele para realizar no homem a separação entre luz e trevas, isto é, a libertação do mal. Sob essa terminologia de aparência cristã há toda uma mitologia que muito deve às religiões médio-orientais (AGOSTINHO, 1984, p. 68).

homens desvairados pela presunção, extremamente carnis e loquazes, o que o levou às profundezas do inferno. Como consequência conheceu fantasias brilhantes, a ponto de alimentar-se delas. Neste momento de sua vida, ficam evidentes alguns sinais de manifestação do Divino em seu interior, pois *compreendia* que aquilo não o saciava, exatamente porque não sentia o verdadeiro sabor de Deus (cf. AGOSTINHO, 1984, p. 69). Suas palavras evidenciam a presença do Deus do amor no seu ser:

Atormentado pela sede da verdade, enquanto te buscava, Deus meu, não com a razão, pela qual me quiseste superior aos animais, mas com os sentidos da carne. Agora eu te reconheço e confesso, a ti que tiveste compaixão de mim quando eu ainda não te reconhecia. Tu estavas mais dentro de mim do que a minha parte mais íntima. E eras superior a tudo o que eu tinha de mais elevado (AGOSTINHO, 1984, p. 70-71).

Inquieto em busca da verdade, nas Escrituras Sagradas encontra respostas do Deus do amor, mas “os maniqueus rejeitavam o Primeiro Testamento como sendo obra do deus do mal” (AGOSTINHO, 1984, p. 71). Com isso, entre o conhecimento sobre o bem e as influências sobre o mal, em suas tentações exteriores e

sua inquietude interior, Agostinho de Hipona se defronta com a descomunal problemática da moralidade.

Para seu contexto de vida o tema é inapropriado, mas oportuno aos olhos dos cristãos, pois é considerado como divisor de qualquer conversão ao Deus do Amor, princípio substancialmente louvável a partir da graça. “O Salmo 27 (26) constitui uma magnífica iniciação à vida moral do cristão”. “Levar uma existência digna e conforme a retidão de consciência não é fácil hoje, não o foi ontem, não o será amanhã” (VIDAL, 2000, p. 23). Conversão pela graça ou merecimento?

O objetivo da conversão era colocado, então, em alcançar uma conduta em que não houvesse falhas e desajustes para cumprir com todas as tarefas, obrigações e exigências que a moral ou a espiritualidade ordenavam. A observância completa da lei e as boas obras eram o melhor sinal de ter conseguido a meta e de ter respondido ao mandato de imitar a perfeição que se reflete no Pai celeste (Mt 5,48); (FERGUSON, 2009, p.100-101).

A compreensão e a prática da moral teológica cristã é um superdesafio para todo cristão, e para Agostinho de Hipona se torna um abismo à frente de seu comportamento constante e obcecado pelos prazeres da carne. Sua sabedoria atada a seus sentimentos mais profundos

certamente reconhece este desafio e cria certo abalo de consciência. Mesmo assim, mantendo-se em sua “zona de conforto” continuava a praticar atos pecaminosos, pois sustentavam de alegria seu coração com as coisas do mundo. Entre o mal e o bem, mesmo sem ainda discernir, debaixo da graça o pecado não teve domínio (cf. Rm 6,14). Ele mesmo reconhece:

O mal moral nada mais é que um ato insuficiente da vontade, uma escolha corrupta: para não cair, e, portanto, para bem usar o livre-arbítrio, é indispensável a intervenção divina. Alcançar a Deus, isto é, conhecer e amar a verdade, é a única felicidade que pode satisfazer o espírito humano; toda satisfação nos bens terrenos, imperfeitos e caducos, está destinada a desiludir amargamente a aspiração inata do homem (AGOSTINHO, 1984, p. 11).

## TEOLOGIA DA GRAÇA

Existe um modelo de compreensão anterior e um modelo de compreensão posterior à conversão de Agostinho? Em que medida a Teologia da Graça está presente?

A graça em sentido de conversão é um dom, um presente especial de Deus para aqueles que têm fé em Jesus Cristo. Deus derrama sua Graça mesmo sem merecimento. E quando esta manifestação divina acontece [Monergismo], o processo de conversão se dá no interior; na alma; na consciência; no coração – convertendo benevolmente a vida do cristão, pois o coloca em estado de adoração à Santíssima Trindade. Esta experiência única se transforma em amor [caridade plena ao próximo], suficiente para que o fiel reflita à imagem do Deus invisível. Deus se revela (cf. Jo 1,14; Rm 3,24; Ef 2,8-9; Tm 2,1; Tt 2,1; Gn 1,26; Cl 1,15); (GS n. 22).

Para compreender as questões inerentes da dialética natural-sobrenatural na antropologia cristã, é preciso crer que a Graça envolve toda história da salvação, a qual conhecemos através da revelação. Com isso, mesmo diante do “pecado original” provocado pelo instinto do nosso livre-arbítrio, o qual nos afastou da Graça [desgraçados]. A Graça Original de toda criação é uma gratuidade da Santíssima Trindade, por isso, como dom especial, não exige nenhum tipo de obra, pois não seria graça, embora possa ser prejudicada por obras más (cf. Rm 11,6).

Deus se manifesta na história da humanidade, no chão da vida – e na história de Agostinho de Hipona não é diferente. Seguindo o exemplo de São Paulo, se confessa pecador “*confessio peccati*”, somando-se a sua inquietude e suas grandes dúvidas entre o mal e o bem, a Teologia da Graça não é diferente, pois quando manifestada sem nenhum mérito coerente, acaba por se tornar o maior exponencial de sua vida pós-conversão. Devemos crer que, tanto naquela época, como em nossos dias, numa linguagem bem simples e popular do povo de Deus, professada por teólogos e clérigos: É UMA BÊNÇÃO DO SENHOR!

Hoje, está bem mais fácil buscar e identificar algumas respostas sobre o encontro místico-religioso de Agostinho com os Três Divinos, basta ler um pouco de suas obras. Mas, para ele, assim como para muitos, em muitas etapas da vida, crentes ou não, inquietos ou não, buscam propósitos que se apresentam como os mais atraentes e prioritários e acabam esquecendo, ou não dão valor para o quanto é louvável e glorificante viver envolvido [...] e ser movido pelo renovador Amor da Trindade.

A referência quanto aos termos valor e esquecimento só são apropriados e devem ser reconhecidos

antes da conversão, já que após é o Espírito da Verdade que conduz a vida do ser humano (Jo 14,6), fazendo com que se reconheça, se valorize e nunca se esqueça de viver em plena comunhão Trinitária, já que ela se traduz em amor, alegria, paz, paciência, bondade e mansidão (cf. Gl 5,22-23).

Graças são dons concedidos pelo espírito e muitas delas são as que nos capacitam para a construção do Reino de Deus (cf. CIC § 2000; 2003; 2005). Razão edificante e incontestável, aplicada ao valor inefável do quanto Santo Agostinho tem participado dessa construção.

Constantemente inquieto, porém, ainda sem a Graça plena e edificante recebida até sua conversão, Agostinho não consegue constatar a intensidade e a beleza do Amor Trinitário que habita em seu interior. Mas quando isto ocorre, confirmando as citações do Catecismo, dedica-se com muito ânimo ao fortalecimento do Reino de Deus, contribuindo desde quando sacerdote, como bispo, como também com sua vasta obra, determinante e virtuosa para toda a humanidade, principalmente para os filhos da Igreja Católica Romana.

Para todos os filhos do Pai (cf. 1 Jo 3,1), a revelação vem como um dom, como um presente inefável e

benevolente. É um novo e fervoroso esplendor, contemplado mesmo diante da incapacidade de se reconhecer como digno, já que não é um prêmio concedido aos que se colocam como justos e merecedores. Só é exequível o processo de conversão quando o homem sente seu interior seduzido pelo Divino. E como o próprio Agostinho de Hipona proclama, não adianta buscar fora, é no interior do homem que habita a Verdade.

A conversão em si, em raízes etimológicas, tem o significado de retorno, de mudança, de uma nova caminhada. Por mais que a busquemos, está acima da compreensão humana – é a mais pura e transcendente manifestação do divino [Hierofania]. Mesmo que o fiel a reconheça, se empodere, dê glórias e desfrute plenamente esta Graça, ela vem de Deus por gratuidade, sem nenhum tipo de merecimento.

Este pensamento se aplica veementemente a Agostinho de Hipona, pois quando olhamos para sua vida à frente de seu berço familiar, de sua incerteza mesmo diante da constante inquietude, de sua divisão entre o mal e o bem, de sua dedicação aos estudos, e das pessoas de sua convivência ao longo de sua caminhada, tudo faz parte desse processo de conversão [...] até pro-

fessar: *Tarde te amei, quando compreendeu e extasiado pelo Amor Trinitário exortou sua fé com grande alegria.*

Diante do mistério da Graça que excede nossa capacidade racional de entendimento, em Agostinho esta Teologia também deve ser interpretada como um processo de construção que vai se edificando ao longo da vida.

Nossa pesquisa não tem a finalidade de relatar a vida de Agostinho de Hipona. Contudo, como citado no início, para compreender sua conversão é preciso conhecer pelo menos um pouco sobre a história de sua vida. Seguindo esse pensamento, a partir desta parte do trabalho vamos abordar mais diretamente algumas referências, porém as mais essenciais e relevantes que marcaram “o início do processo final de sua conversão”.

Conforme o VI Livro de suas confissões, aos trinta anos de idade, em Milão, Agostinho encontra o bispo Ambrósio, fiel servidor do Senhor, e o conhecendo o considerou um homem realizado segundo o espírito no mundo, mas seu celibato pareceu-lhe duro de suportar.

Mas, independente disso, Ambrósio o encantou com suas palavras sobre a verdade que mostrava ao povo. Por este motivo, todos os domingos ia escutá-lo e logo descobriu que alguns filhos espirituais de Deus, mesmo regenerados pela Graça na Santa Igreja Cató-

lica, não compreendiam as palavras onde se diz que “o homem foi criado à tua imagem e semelhança” (Gn 1,26;9,6), somente dando sentido ao corpo humano, ao qual Agostinho sempre ficou preso devido ao seu resistente instinto carnal. Ele discerniu esta questão e a transformou em mais uma louvável revelação compreendida, que certamente fortalecerá ainda mais a sua fé com o uso da razão.

Como Agostinho sempre perseguia a fé católica com cegas acusações, ainda não estava convencido de que ela era a verdade. No entanto, percebeu que não ensinava aquilo que ele acusava. Contudo, confuso e transformado, sentia-se feliz, pois *compreendiam que só a fé poderia curá-lo*, desse modo, os olhos da sua inteligência já purificada se dirigiam à Verdade imutável e perfeita (cf. 2 Cor 3,6). “E quanto mais me aproximava o momento de transformar-me em outro homem, maior era o medo que me invadia. Esse terror não me impelia para trás nem me desencaminhava; mantinha-me, porém, na indecisão” (AGOSTINHO, 1984, p. 224).

O medo de errar novamente, como aconteceu com o maniqueísmo, foi uma das causas de sua conversão não imediata ao cristianismo. “Amanhã encontrarei

a sabedoria; ela se manifestará a mim com clareza; então eu a possuirei” (AGOSTINHO, 1984, p. 157).

Com a fé ora mais forte, ora mais fraca, percebia que somente pela razão pura os homens são incapazes de encontrar a verdade, tendo necessidade do apoio da Sagrada Escritura. Assim, meditava e sentia a presença do Senhor que não o abandonava.

No Livro VII de suas *Confissões*, Agostinho entra no tema do mal, pois trouxe do maniqueísmo uma compreensão errônea diante do cristianismo. “Quem plantou em mim esses germes de sofrimento e os alimentou, uma vez que sou criatura do meu Deus que é cheio de amor? Se foi o diabo, de onde vem ele?” (AGOSTINHO, 1984, p. 173). Começou a compreender melhor as doutrinas da sua fé, mas ainda permanecia confuso.

Não conseguindo enxergar toda a beleza contida na criação de Deus, a imagina limitada, sem compreender sua bondade infinita e o quanto do bem e de bom está nela contida, incluindo suas criaturas. “Em ti o mal não existe de forma alguma; e não só em ti, mas em quaisquer criaturas tomadas em sua universalidade. Porque, fora da tua criação, nada existe que possa invadir ou corromper a ordem por ti estabelecida” (AGOSTINHO, 1984, p. 188).

Confiante no Senhor, confessou acreditar na sua existência e nas suas providências sobre os homens. Confessou acreditar em Jesus Cristo e nas Sagradas Escrituras e também na Igreja Católica como caminho de salvação para depois da morte. *Momento de compreensão, fé e discernimento cheio de graças enviadas do alto.*

No Livro VIII, Agostinho reconhece que a ideia de Deus em dirigi-lo a Simpliciano era muito boa, pois ele é um servo fiel no qual brilhava a Graça. Por ser um ancião com vida dedicada a seguir o caminho do Senhor, nele confiou para contar suas inquietações, principalmente sobre suas paixões. Nesta passagem de sua vida, a manifestação de Deus em seu interior já estava mais compulsiva e ardente.

Simpliciano foi importante para Agostinho, pois o felicitou por não ter caído nos escritos das obras de filósofos que não seguiam os pensamentos de Platão, e também por ter narrado a ele a conversão de Vitorino, que passou por um pitoresco processo de conversão até se reconhecer como cristão. Isto despertou em Agostinho um desejo de imitá-lo, já que suas duas vontades, uma carnal e outra espiritual, dilaceravam seu espírito. Sua nova vontade em servir a Deus, mesmo reconhecendo-a como a única felicidade segura, ainda não era capaz de



vencer a vontade anterior, fortalecida pelo tempo. Agostinho compreendia, mas a razão ainda não sustentava sua fé.

Com Alípio, num momento de intensas reflexões sobre as benevolências contidas em Deus e as malefícios praticadas em sua vida, Agostinho compreendeu sua miséria, e sozinho, estando debaixo de uma figueira entrou numa copiosa torrente de lágrimas, emoção compreendida como pura manifestação direta do Senhor em seu coração. E neste local, de repente, ouve a voz de uma criança, vinda da casa vizinha, repetindo várias vezes uma canção: “Toma e lê, toma e lê” (AGOSTINHO, 1984, p. 226).

Neste momento Agostinho sentiu seu coração bater mais forte, fazendo-o compreender que aquilo era uma ordem divina para abrir o livro e ler as primeiras palavras. Por providência, lembrou-se do caso de Antão que, assistindo por acaso a uma leitura evangélica, sentiu um chamado. Voltando ao lugar onde Alípio estava sentado, pegou o livro que havia deixado e o abriu em Romanos 13,13s: “Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem nas rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne”. Mostrando a passagem a

Alípio, ele o fez ver além do que havia lido, “Acolhei o fraco na fé” (AGOSTINHO, 1984, p. 227).

Esta passagem na vida de Agostinho de Hipona é identificada por ele em seus escritos como o ápice de sua resplandecente conversão. Momento excepcional, repleto de glória e esplendor, escolhido por Deus para o derramamento da Graça edificante. Seu entusiasmo foi tão imenso que, junto com Alípio, foi até sua mãe Mônica para partilhar o ocorrido. E, como não poderia ser diferente, ela ficou radiante e cheia de alegria e de paz no coração.

No Livro IX de suas confissões, graças à fé de sua mãe Mônica, Agostinho já se prepara para o batismo, e, quando com Alípio em férias no campo, iluminado professa: “Quanto te invoquei, ó meu Deus, ao ler os salmos de Davi, cânticos de fé, hinos de piedade contrastantes com qualquer sentimento de orgulho, eu, novato ainda no caminho do teu verdadeiro amor” (AGOSTINHO, 1984, p. 237). Agostinho começa a compreender o valor explícito contido nesse sacramento.

No Livro X, Agostinho entra num período acentuado de reflexões, mas não mais sobre seu passado, e sim sobre o presente, *buscando compreender para crer verdadeiramente no Deus do amor*.

Sua busca pela plenitude da verdade foi tão intensa e esplendorosa em seu interior que Deus-Trino em sua Misericórdia o iluminou, fazendo-o compreender o quanto tarde O amou:

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinha-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz. (AGOSTINHO, 1984, p. 295).

Esta lindíssima declaração de amor a Deus – uma poesia retirada do interior de sua alma marca uma nova etapa na vida de Agostinho. Mais importante, marca um novo homem que extasiado pelo amor de Deus irá anunciar a Boa-Nova com muito entusiasmo [Deus dentro] (cf. Ef 4,21-25; Col 3,10).

## COMPREENDER PARA CRER, CRER PARA COMPREENDER

A inquietude está presente ao longo de quase toda a história da humanidade, não só do cristianismo, pois a busca de sentido teve início bem anteriormente aos pais da filosofia grega, sendo um grande enigma de nossa existência, fazendo com que o homem sempre busque respostas convincentes para a relação entre fé e razão. Os conceitos seriam contraditórios: ou acredito, ou compreendo, ou seriam correspondentes, creio, por isso compreendo, ou compreendo por isso creio?

Santo Anselmo de Cantuária, por volta de 1078, no capítulo I de seu livro *Proslogium*, antecipando os melhores aspectos da Teologia Escolástica, entrou no tema sobre a fé que procura a inteligência daquilo que crê, e acabou cunhando a expressão *fides quaeres intellectum* [fé em busca de entendimento], que foi adotada pela Igreja naquele século.

Segundo Santo Tomás de Aquino (S.Th. II-II, 2.9), “Crer é um ato da inteligência humana que assente à verdade divina a mando da vontade movida por Deus através da graça”. Isto é, a resposta não exclui a inteli-

gência, mas exige que ela esteja nesse contexto. Isso nos mostra que há uma relação positiva entre fé e razão.

Mas, ainda que a fé esteja acima da razão, jamais pode haver verdadeira desarmonia entre uma e outra, porque o mesmo Deus que revelou os mistérios e infunde a fé, dotou o espírito humano da luz da razão, e Deus não pode negar-se a si mesmo, nem a verdade jamais contradizer a verdade (DF cap. IV).

Historicamente, temos três respostas à pergunta da relação fé e razão, sendo que duas a Igreja Católica as considera deficientes. A primeira é o fideísmo: revelação dos mistérios de fé sem o uso da razão. A segunda é o racionalismo: crer somente no que a ciência pode provar. A Igreja acredita numa relação positiva entre fé e razão, ou seja, crer porque Deus revela, e isto exige o uso da razão. Este posicionamento valoriza o homem, criatura de Deus, dotado de inteligência e cheio da Graça. Portanto, Deus se revela a si mesmo – e pelo uso da razão – com sabedoria, o homem responde sua fé (cf. DV n. 2; 5; 6).

O célebre axioma de Santo Agostinho, formulado magistralmente no sermão 43 “*Intellige ut credas*” [entende para que creias], complementado por “*Crede ut intelligas*” [crê para que entendas], é o tema central sobre as reflexões do nosso trabalho, e em várias oportuni-

dades durante seu desenvolvimento fazemos referências, indicando, comparando e valorizando o quanto o entendimento de Agostinho foi fundamental em toda sua vida, mesmo antes de sua conversão, pois sempre inquieto em busca da verdade conhecia a Deus, mas não tinha fé suficiente para experimentar o seu Amor. Como depois da conversão com sua profunda compreensão que, unida com a fé pela via da Graça, fez com que, através de suas reflexões filosóficas e teológicas, o tornasse reconhecido como um Doutor da Igreja Católica Romana.

O pensamento de Agostinho sobre razão *versus* fé classificou a razão como uma forma de necessidade da fé para o homem. Diante disso, *compreender para crer* não desvaloriza a razão, mas coloca-a como meio para se chegar à fé.

O interesse de Agostinho de Hipona pelos estudos da Filosofia, junto com o “processo de desenvolvimento da Graça” (AG n.13), pode ser considerado como o fundamento que introduz este homem ao mistério de Deus na dimensão de busca da verdade no interior do ser. Mas para isto percebeu a necessidade de compreender no que de fato consiste a interioridade, buscando respostas no contexto filosófico de seu tempo.

A árdua caminhada em busca do conhecimento da verdade sobre Deus despertou em Agostinho sua maturidade filosófica – e saindo de seu mundo exterior e entrando para o seu *intelectus*, identificou e reconheceu o conceito de corpo e alma, colocando-os como realidades não opostas, embora distintas.

Refletiu que a alma compreendida como intelecto tem a primazia hierárquica, ontológica, e somente a partir dela o exterior cria um vínculo de Graça com sua essência provida do divino (cf. Lc 17,20-21). Isto é, enxergar, interiorizar as bênçãos e desfrutar plenamente o Reino de Deus. “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma” (Mt 10,28):

Pensadores clássicos, como Platão e Plotino, o influenciaram significativamente, bem como o prepararam para a assimilação das ideias cristãs. Deles buscou ressignificar os conceitos de alma, verdade, mal, matéria, espírito, Deus, entre outros. Muito assimilou de suas possíveis leituras, mas, no entanto, a sua produção filosófico-teológica não se trata de uma continuidade unicamente dos pensadores que o precederam, mas sim é possível identificar uma ruptura estrutural a partir do momento que Agostinho, com a originalidade cristã, parte do conceito de Deus como criador e do ser humano como imagem e semelhança deste mesmo Deus (RIBEIRO, 2007, p. 58).

De acordo com Ribeiro (2007, p. 61), nos humanos, a alma racional, denominada de *animus*, é a fonte do pensar e do agir. Nesta dimensão existe o *spiritus*, denominado como a dimensão da imaginação reprodutiva e memória sensível, e a *mens* determinada como a parte superior da alma, mais especificamente o *animus*. A *mens*, no que lhe concerne, contém o *ratio*, compreendido como o movimento do pensamento que se dá por associação e ou dissociação. E contém também a inteligência, entendida como uma faculdade superior à razão. É o que há na *mens* de mais eminente. Confunde-se com o *intelectus*, este compreendido como faculdade da alma que pertence à *mens*.

Todavia, Santo Agostinho não edificou um conceito filosófico por inteiro, até porque a filosofia é uma busca constante pela verdade. Partindo de um predomínio platônico, até começou a ler uma obra de Aristóteles, mas não pôde prosseguir por não ter encontrado referenciais sobre a alma.

A paixão de Agostinho pela Filosofia não denota nenhum irracionalismo ou demonstra ser voluntária. Pelo contrário, o incita na *busca da fé para compreender*, buscando ânimo no entendimento para crer melhor.

Sua intensa e constante busca pela verdade atinge seu interior – sua alma racional – fonte do pensar com o uso do *intellectus*, que ilumina e resplandece seu encontro metafísico com o divino, pois para ele não existem provas formais para validar a existência de Deus [pura Graça], compreendida como dom divino, recebido por gratuidade e não por qualquer tipo de mérito humano. A verdade de Agostinho culminou em Cristo, Caminho para vida feliz (Jo 14,6-7).

Em conformidade com o Catecismo da Igreja Católica § 153, a fé é dom de Deus, e pela via da Graça Ele movimenta seus filhos, infundindo conhecimento de si mesmo. A teofania vivenciada através da Graça santificante é um dom habitual de ordem sobrenatural.

Não como regra, mas quando se busca um encontro com a Trindade Santa, principalmente pela via da fé intensa, cria-se um **estado de amizade** com Deus, facilitando sua manifestação. Na vida de Agostinho, sempre inquieto, mas com pouca fé, foram longos anos de busca, mas a partir da bênção derramada, seus louváveis frutos estão sendo exortados por mais de quinze séculos na figura de Santo Agostinho, Doutor da nossa Igreja Católica Romana.

Ribeiro (2007, p. 86) aborda que a filosofia de Agostinho não o desvinculou de sua própria *práxis*, pois sua compreensão sobre a verdade tem implicações cognitivas, epistemológicas, e ao mesmo tempo morais. Para Agostinho, chegar à verdade é possível somente pelo processo de “iluminação”.

A fé de Agostinho cresce em Graça e o faz proclamar, “Que luz é essa que brilha diante de mim e golpeia o meu coração sem o ferir? Eu me atemorizo e ao mesmo tempo me inflamo. Aterrorizo-me enquanto sou diferente dessa luz, e me inflamo enquanto semelhante a ela” (AGOSTINHO, 1984, p. 334).

*Compreendendo sua fé após a conversão*, Agostinho começa a viver um novo e iluminado momento de sua vida – abre seu coração para Deus e pede para que complete nele sua obra – revelando seus mistérios. Isso mostra que a inquietude de seu interior passa por um reformado processo de construção. O Amor divino que se incorporou em sua alma foi tão enaltecido e virtuoso, que agora seu desejo é, por inteiro, anunciar para o mundo todo o esplendor de bênçãos e de graças que se pode desfrutar quando se vive envolvido e movido pelo incondicional Amor de Deus.

Em Hipona, no ano de 391, é proclamado sacerdote pelo povo e ordenado padre pelo bispo Valério. Quatro anos após é consagrado bispo da Cidade, ficando conhecido como Agostinho de Hipona.

O bispo de Hipona tinha muito agrado com as práticas constantes de orações, dos estudos e de escrever. Estas práticas valorizavam e engrandeciam sua fé e seu anúncio, a ponto de escrever centenas de obras, tratados, cartas e sermões.

Agostinho de Hipona se tornou um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo ocidental. Suas principais obras: *Confissões* (396-397), *A Cidade de Deus* (411-426), *De Magistro* (389), *De Trindade* (399-422).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde muito jovem, até sua conversão, a inquietude em busca da verdade de Deus sempre foi um constante *dever* na vida de Agostinho de Hipona. Homem agraciado com grande inteligência; muito dedicado aos estudos, usou esses dois adjetivos para qualificar o aprendizado racional que adquiriu em várias ciências.

Contudo, até sua conversão eles não foram suficientes para conduzi-lo à Verdade que o fizesse crer – com razão – no Amor de Deus e em seu valoroso propósito para sua vida.

O conhecimento adquirido por Agostinho de Hipona no período anterior a sua conversão foi fundamental como resposta edificante para a Graça. O empenho humano é a base sobre a qual o Espírito alicerçou mais uma gloriosa, poderosa e benevolente obra em Seu Reino. Isto nos revela o quanto a Teologia da Graça está presente.

A Graça acalentou a alma de Agostinho e o fez transbordar de Amor, de alegria, de paz e de superabundantes bênçãos e glórias.

Mesmo com conhecimento de Deus, sua pouca fé não foi suficiente para buscar – com razão, o quanto a Trindade poderia enaltecer sua vida como bom cristão. Porém, quando *pela Graça compreendeu sua fé*, seus dons e carismas o converteram no bem-aventurado Santo Agostinho, Doutor da Igreja Católica Romana – mestre-construtor do Reino de Deus.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. Confissões. São Paulo: Paulus, 2010.
- Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1999.
- CONCÍLIO VATICANO I. Constituição Dogmática Dei Filius. Disponível em <<http://w2.vatican.va/content/vatican/it.html>>. Acessado em 29 out. 2017.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum. São Paulo: Paulus, 2014.
- FERGUSON, S.B. Novo dicionário de teologia. São Paulo: Hagnos, 2009.
- RIBEIRO, C.L. A interioridade no pensamento de Santo Agostinho. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2007.
- VIDAL, M. Nova moral fundamental: o lar teológico da Ética. São Paulo: Paulinas, 2003.

## REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- AGOSTINHO, S. A cidade de Deus: contra os pagãos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. A doutrina cristã. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- \_\_\_\_\_. A graça. São Paulo: Paulus, 1998.
- \_\_\_\_\_. A natureza e a graça. São Paulo: Editora Paulus, 1999.
- \_\_\_\_\_. A Trindade, São Paulo: Paulus, 1995.
- \_\_\_\_\_. De La vida feliz. Buenos Aires: Aguillar, 1963.
- \_\_\_\_\_. O livre-arbítrio. São Paulo, Paulus, 1995.
- \_\_\_\_\_. Sobre a potencialidade da alma: de quantitate animae. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ALMEIDA, J.C. O conceito de felicidade em Santo Agostinho, PUCRJ, 1992.

- BENTO, Papa. Homilia no Vaticano, *Fé e razão em Santo Agostinho*, 2008. Disponível em <<http://www.agostinianos.org.br/visualizacao-de-artigos/ler/86/fe-e-razao-em-santo-agostinho>>. Acesso em 30 abr. 2017.
- BOEHNER, e GILSON, E. Santo Agostinho, o Mestre do ocidente, in *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, C. Teoria do método teológico. São Paulo: Vozes, 2004.
- CREMONA, C. Agostinho de Hipona: a razão e a fé. Petrópolis: Vozes, 1990.
- JASPER, K. Introdução ao pensamento filosófico. São Paulo; Cultrix, 1985.
- MONDIN, B. Curso de filosofia, os filósofos do ocidente, vol. 1. São Paulo: Paulinas, 1982.
- TAMAYO, J.J. Novo dicionário de teologia. São Paulo: Paulus, 2009.



## **Cadernos Teologia Pública**

N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ

N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer

N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher

N. 4 No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM

N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes

N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta

N. 7 Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ

N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho

N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner

N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amaladoss, SJ

N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ

N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ

N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García

N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor

N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ

N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess

N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch

N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch

N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel

N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould

N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles

N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM

N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos

N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald

N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel

N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana María Formoso

N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier

N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior

N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng

N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson

N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Victor Hugo Mendes

N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin

N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio

N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan

N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess

N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro

N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi

N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi

N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno

N. 44 A origem da vida – Hans Küng

N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani

N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé

N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin

N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels

N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel

N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ

N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson

N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards

N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora

N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo

N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat

N. 56 Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo

N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson

N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald

N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger

N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva

N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel

N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto

N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred

N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé

N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi

N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt

N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava

N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel

N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislando Nóbrega de Lima

N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto

N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda

N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier

N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro

N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight

N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan

N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil

N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald

N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne

N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares

N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin

N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina

N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna

N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho

N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado

N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaisa Marques Botelho Lobo

N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan

N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin

N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko

N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher

N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley

N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki

N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko

N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo

N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley

N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli

N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral

Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém – Aspectos epistemológicos e constelações atuais – Christoph Theobald

N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle

N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier

N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes – Geraldo Luiz De Mori

N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes – Afonso Murad

N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff

N. 102 A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira

N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares

N. 104 A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald

N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira

N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins

N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto

N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inacio João Stadelmann

N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber

N. 110 A Encíclica Laudato Si' e os animais – Gilmar Zampieri

N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia – Andrea Grillo

N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald

N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch

N. 114 Laudato Si', o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco

N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz

N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium digitalis*? Moisés Sbardelotto

N. 117 Laudato Si' e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange

N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi

N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow

N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong

N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio

N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson

N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney

N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano

N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson

N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara

N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel Decothé Junior

N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes

N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi

N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyła e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges

N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli

N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.

N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler

N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Sues

N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “par-résia eclesial” – Andrea Grillo

N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereigh

N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo

N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida

N. 142 Para além do limiar do templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line – Prof. Dr. Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e Pe. José Joanees Souza Oliveira





**Orlando Polidoro Junior.** Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná [2017]. Área de estudo: Teologia Sistemática - fundamentada no amor incondicional e na Misericórdia de Deus-Trino. Como autor de diversos artigos de opinião, sempre focados na Misericórdia, o Livro *Misericórdia do Princípio ao Céu, em processo de publicação*, tem a proposta de fazer o leitor “**mergulhar**” nos (7) temas: *Fé e razão; Santíssima Trindade; Gênese; Sagradas Escrituras; Livre-arbítrio - pecado (moral), satanás e inferno; Misericórdia e Graça; e Reino de Deus* [Conversão; Virtudes teologais; Paz; Servir a Deus; Santidade e Escatologia], **Por Cristo, com Cristo, e em Cristo REnove-se para sempre.**

